



OLHAR SUSTENTÁVEL NA ECO PEDAGOGIA

SUSTAINABLE PERCEPTION IN ECO PEDAGOGY

Wagner Grizorti ¹

Resumo: A descoberta da Terra como um sistema vivo em evolução tem causado na humanidade um conjunto de novas sensibilidades e/ou percepções. Por um lado, reconhecendo que a terra é o local onde viemos, uma comunidade humana que, com o tempo, tornou-se nosso eu antropocêntrico. Por outro, afastamos-nos da natureza e passamos a construir um pensamento egoísta ao invés de garantir a sobrevivência comum das espécies. Nessa perspectiva, o presente artigo aponta alguns direcionamentos para a sustentabilidade e para o desenvolvimento de práticas sustentáveis e sociais. Torna-se imprescindível considerarmos novas formas de coexistência com a Terra, a partir do exercício da responsabilidade e da cidadania planetária. Somente assim, será possível pensar em uma proposta para a bom viver.

Palavras-chave: Bom Viver. Desenvolvimento Sustentável. Ecopedagogia.

Abstract: The discovery of the Earth as a living system in evolution has given humanity a set of new sensitivities and/or perceptions. On the one hand, recognizing that the earth is where we come from, a human community that, over time, has become our anthropocentric selves. On the other hand, we move away from nature and start to build a selfish way of thinking instead of guaranteeing the common survival of the species. From this perspective, this article points out some directions for sustainability and for the development of sustainable and social practices. It is essential that we consider new forms of coexistence with the Earth, based on the exercise of responsibility and planetary citizenship. Only then will it be possible to think of a proposal for good living.

Keywords: Live well. Sustainable Development. Ecopedagogy.

¹ Mestre em Integração Contemporânea da América Latina pela UNILA. Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3373405784824585>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5017-5365>. E-mail: wagnergrizorti@gmail.com



Introdução

Com o passar dos séculos, a masculinidade humana reconheceu o sistema vivo que a Terra era. Confirmou-se experimentalmente o que eles descobriram da civilização intuitiva ancestral: a terra está viva, ela é nossa mãe, e nós somos apenas um fio no tecido da vida.

A forma como nos relacionamos com a Terra diz muito sobre o tipo de pensamento que rege a nossa sociedade. A cultura ocidental orgulha-se de privilegiar o pensamento científico-racional em detrimento de outras formas de conhecimento mais intuitivas e imaginativas. Contudo, segundo Capra (1992, p. 22), “a excessiva ênfase dada ao método científico e ao pensamento analítico e racional tem provocado uma série de atitudes profundamente antiecológicas”. Sobre isso, a partir do século XVII, começou a se desenvolver na Europa um tipo de conhecimento para dominar e controlar a natureza. Isto é, um conhecimento que, de mãos dadas com a tecnologia, conseguiu construir cenários verdadeiramente surpreendentes. No entanto, também foi exposta a capacidade destrutiva desse tipo de pensamento e seu modelo de desenvolvimento .

Nesse direcionamento, nos últimos quatro séculos a ideia de progresso proposta pelo ocidente nos levou a dessacralizar a vida e a Terra. Não só porque procurou-se reduzir a Terra e a humanidade à condição de recursos exploráveis, mas também, por sua insistente pretensão em explicar tudo com base em leis universais. Isto posto, outra consequência a se pontuar está a rejeição à diversidade e a tendência à monocultura pelo consumo, bem como a supervalorização do homem branco – numa perspectiva do androcentrismo. Ademais, podemos citar a depreciação da Terra e de outros homens de diferentes condições raciais, sociais, econômicas, políticas e/ou religiosas. Isto posto, a cultura ocidental validou a visão de Bacon sobre o objetivo da ciência. É importante dominar e controlar a natureza – e a do homem – para se tornar seu mestre e senhor. Hoje, por todos os excessos do “progresso”, vivemos em um planeta doente e ameaçado, devido aos abusos a que foi submetido durante séculos (BOFF, 2011).

Terra que chora

Podemos refletir sobre a fortuna em biodiversidade que nosso país possui e, analisarmos a condição de não conseguirmos usá-la para alcançar processos sustentáveis. Segundo o estudo de Amaya (2000, p. 55): “A América Latina ocupa o primeiro lugar em termos de biodiversidade no mundo, com só a 0,7% da superfície continental do planeta, tem cerca de 10 % da diversidade biológica”. No entanto, não dispõe de recursos científicos ou tecnológicos que nos permitam desenvolver processos produtivos e sustentáveis, nem políticas que busquem o cuidado e a conservação. Desde tempos imemoriais, da terra e das comunidades que a habitam. Em vez disso, testemunhamos a maior devastação desde a segunda metade do século XX.

Nos últimos anos, 50 % das florestas foram destruídas, especialmente nas regiões andinas e caribenhas. Nessa amálgama, na Orinoquia e na Amazônia, as plantações de coca, a colonização selvagem, a exploração a partir de Petróleo, e a pecuária extensa estão colocando em risco a sobrevivência de centenas de espécies animais e vegetais. Segundo Amaya (2000),

A exploração econômico selvagem a partir de tudo tipo de espécies e a enorme pobreza a partir de a população são causa a dano irreversível para a ecossistemas nacional . O País ha Eu venho perdendo seu riqueza natural de fatores interno e externo. Entre a primeira é a exploração econômica irracional a partir de a Recursos e a miséria que aflige _ espaçoso camadas a partir de a população; Entre a segundo, há a exportação de nossos recursos, principalmente não renováveis, sem lhes dar valor agregar interno e sem que a renda Que se derivar a partir de Está exercício eu sei usar para criar riqueza nacional. No entanto, a exploração de petróleo e carvão não tem sido a mais saudável para a País e não ha sido tendo vantagem sobre para criar capacidades científicas e tecnológicas que lhes permitam dar valor acrescentado; o paradoxo é que são

exportados brutos e importados processados (AMAYA, 2000, p. 57).

Isso sugere que propostas baseadas no desenvolvimento nacional contrariam conceitos baseados em sustentabilidade. Ela deve ser entendida como qualquer ação permitida para,

Manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade da vida e da vida humana, buscando sua continuidade, e atendendo também as necessidades da geração atual e das gerações futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e sua capacidade de regeneração, reprodução e ecoevolução seja enriquecida (BOFF, 2011, p. 43).

Contrariando esta noção de sustentabilidade, nosso modelo de desenvolvimento sacrifica as gerações futuras ao privilegiar o consumo da geração atual e, deste modo, desrespeita a vida dos sistemas e comunidades que abriga. Outra problemática se concentra na não redistribuição de renda para os setores marginalizados da sociedade. Precisamente, o modelo de crescimento atual é o principal responsável pela crise ecológica vivenciada. Portanto, devemos superar o mito do “progresso” partindo de atividades puramente extrativistas que esgotam os recursos naturais. O que se confirma, no caso de alguns países como a Argentina e a Colômbia é que, cada vez mais, a figura do progresso se encontra relacionada à pobreza, exclusão, violência, morte e à destruição da comunidade, em detrimento do desenvolvimento sustentável. Partindo dessa perspectiva, para Amaya (2000),

Os países da América latina , são fenômenos opostos Entre Sim: a mais alto acumulação a partir de fortuna e a mais alto acumulação da pobreza, trazendo O que resultado que cada uma vez existir menos rico mais rico e mais pobre mais pobres (AMAYA, 2000, p. 39).

Ainda, partindo dessas acepções, Osório (2015) levanta,

Na América Latina o crescimento a partir de a pobreza não ter precedente, e a Ele passou a partir de Vários a partir de a pobre para a condição de excluído e a partir de esses para a doença a partir de removível, é já uma feito” (OSÓRIO, 2015, p. 108).

Por exemplo, a população sem-teto da rua é chamada de “descartável”, como uma declaração aberta e social da qual sua vida é inútil. Em nosso país, assim como ocorre nos demais países latino-americanos, a política de terra tem sido projetada e desenvolvida a partir da classe dominante. Isto é, pelo pequeno grupo que controla o poder e concebe os recursos naturais de forma utilitária, possessiva e arbitrária. Deste modo, a terra não é vista como um macrossistema vivo, mas como uma fonte de recursos inesgotáveis de apropriação essencialmente humana.

Da mesma forma, em alguns países da América do Sul foi implementada uma política agrária com acordo de livre comércio, sem levar em conta as condições precárias da população camponesa, que enfrenta duas sérias dificuldades. Primeiramente, a falta de capital para investimento e, secundamente, a falta de terras, uma vez que estas pertencem a poucos proprietários. Em virtude disso, abre-se uma enorme lacuna que impossibilita a agricultura artesanal de competir com as grandes transnacionais e indústrias. Diante desse contexto, vale a pena voltar às palavras de Leonardo Boff (2011), que defende a necessidade de promover e apostar numa economia,

Para a vida (oikonomiké) que deve ser certamente uma economia que permita satisfazer, concretizar e potenciar as necessidades de todos os seres humanos (necessidades individuais e sociais, materiais e espirituais). Trata-se de resgatar o sentido originário da economia como atividade

destinada a garantir a base material da vida pessoal, social e espiritual. [...] Em primeiro lugar, somos seres de necessidade: precisamos comer, beber, ter saúde, viver, e outras Serviços [...] É a campo da economia (BOFF, 2010, p. 5).

Trata-se, então, de perceber que o ser humano não tem apenas necessidades específicas e imutáveis. Pelo contrário, tais necessidades surgem da própria vida, do produto da interação do sujeito com a natureza. Sobre isso, Hinkelammert e Mora (2009, p. 64) afirmam: “o ser humano, como ser natural (parte da natureza), corpóreo, vivo, não é um sujeito com necessidades (específicas), mas é um sujeito em necessidade”.

As contribuições desses autores nos convidam a refletir sobre a necessidade de promover uma política econômica para a vida, que leve em conta a situação de pobreza em que vive a maioria da população. Isso inclui os camponeses – homens e mulheres – esmagados pela violência dos grupos armados fora da lei, pela pressão das entidades financeiras, ameaçados de despejo de suas propriedades por falta de pagamento e/ou por má colheita. Além disso, essa política econômica deve considerar as necessidades das pessoas que trabalham na terra, em busca de promover uma vida melhor, não apenas para a classe dominante, mas também, para a população camponesa.

Por esse motivo, torna-se urgente pensar num crescimento sustentável. Todavia, isso só faz sentido em uma economia solidária, governada por compaixão. Nessa seara, a palavra “compaixão” tem origem do latim *cumpassio*, traduzida para “sofrer junto”. Portanto, devemos buscar basear-nos em uma economia e modelo de desenvolvimento partindo da emoção e empatia, em detrimento do lucro. Segundo Gutiérrez e Prado (2015), o desenvolvimento sustentável requer quatro condições básicas, a citar: “ser economicamente viável, ecologicamente apropriado, socialmente somente e, culturalmente equitativo” (em GADOTTI 2002, p.56). A ideia de desenvolvimento sustentável constitui uma oportunidade do cotidiano e do local, para gerar cenários mais solidários, saudáveis, justos, equitativos e respeitosos com a comunidade.

Ecopedagogia e desenvolvimento sustentável

É possível pensar em desenvolvimento sustentável na América Latina? Embora o panorama pareça obscuro, existem caminhos que podemos explorar. Acreditamos que o caminho mais seguro é o da educação, mas não a partir de um sistema baseado no capital, consumo, dominação e exploração da mãe Terra. É necessária uma abordagem diferente, tendo como suporte a educação baseada na Ecopedagogia.

Nessa seara, propomos uma educação que nos motive a “dar sentido ao que fazemos, a compartilhar sentidos e impregnar de sentido as práticas do cotidiano” (GUTIÉRREZ; PRADO, 2015, p. 21). Isto posto, o sentido que damos às nossas vidas está ligado ao significado da Terra. Nosso cotidiano muda e, com ele, a forma como nos relacionamos com as outras pessoas e com o meio que nos cerca. Dito isso, “esse é um fato que pode afetar a humanidade como um todo” (OSÓRIO, 2015, p. 62), o que marca o início de uma nova forma de diálogo entre nós e a natureza.

Nesse direcionamento, a ecopedagogia, como trazido por Gutiérrez (2015), trata-se de uma pedagogia para a promoção da aprendizagem do significado das coisas a partir do tempo de vida. A jornada que permite desenvolver relações conosco, com a Terra e com a humanidade. Eu sei que é uma pedagogia que colocamos à altura de todas as criaturas, da felicidade. Algo que nos permite reconhecer na terra qual é o planeta no qual fazemos parte. Deste modo, “não somos um ser distante e estranho, mas é a nossa casa, o lugar onde moramos onde moramos juntos” (GUTIERREZ; PRADO, 2015, p. 100).

Entre as contribuições da ecopedagogia, podemos ressaltar uma perspectiva de educação que promova o desenvolvimento social e econômico e, sobretudo, o respeito e amor por tudo o que nos rodeia. Sendo assim, a ecopedagogia transcende a educação ambiental – que promove exclusivamente a conservação dos recursos – ao promover, também, nossa reflexão para cada um dos seres vivos que compartilha este macrossistema vivo chamado Terra, conosco.

A partir da ecopedagogia é possível nos questionarmos sobre a nossa própria responsabilidade pelos danos que causamos ao planeta. Isto é, a derrubada das florestas andinas e amazônicas, a

exploração mineira, a pecuária extensiva, a poluição do ar e dos rios. Dito isso, os danos gerados não se limitam às transformações do meio ambiente onde ocorrem. Para Carvajal (1995), estamos conectados por meio de uma rede que se comunica de modo.

Invisível, mas evidente. O mundo não está feito de partes separadas; a homem ele vive um universo de relações. Aqueles relações tecer a espessa malha a partir de células e tecidos, a partir de órgãos e organismos; de reinos da natureza, planetas e sistemas solares, estrelas e galáxias; um fio comum os une a todos (CARVAJAL, 1996, p. 66).

Reconhecer esta internet a partir de relações é o primeiro passo para começar a dar sentido à nossa caminhada e desenvolver a consciência planetária. Por conseguinte, torna-se imprescindível um exercício crítico e ciente da cidadania, isto é, entender, cuidar, alegar e exigir nossos direitos ambientais ao setor social correspondente. Aliado a isso, devemos estar dispostos a exercer nossa própria responsabilidade ambiental (BOFF, 2011, p. 17). Trata-se, portanto, de uma cidadania inclusiva, de solidariedade e corresponsabilidade, que nos permita superar o mito do “progresso”. Cabe-nos, diante disso, mobilizar o conhecimento que temos disponível para a cura e para a melhoria da qualidade de vida de todos.

Considerações Finais

- Os caminhos da sustentabilidade

Elizabeth (2003) levanta que o crescimento sustentável implica em uma nova visão de mundo. Partindo dessa concepção, a mudança que deve ser feita não se encontra “no campo da tecnologia, da política ou da economia, mas está enraizada no campo das nossas crenças, são elas que vão determinar o mundo em que habitamos” (p. 30). A verdade é que nossas crenças estão ancoradas ao modelo de desenvolvimento econômico capitalista, que vivemos para satisfazer nossas necessidades e que, nesse processo, tornamos-nos excessivamente consumistas. Apesar disso, não vivemos bem, nem buscamos ambientes saudáveis.

A necessidade é inerente à nossa natureza e, como seres vivos, todas as pessoas têm as mesmas necessidades. Sobre isso, para Elizabeth (2003, p. 62) são “poucos, finitos e classificáveis: subsistência, proteção, afeto, compreensão, criação, participação, lazer, identidade e liberdade”. Deste modo, a maioria das pessoas deve ser satisfeita dentro da família, com proteção, afeto ou identidade. Porém, estamos tão ocupados produzindo, imitando modelos, consumindo, satisfazendo outras necessidades, que esquecemos que a vida se dá em relações de afeto, solidariedade e cooperação, que a vida deve estar a serviço tempo de vida.

A satisfação da necessidade humana foi o motor do desenvolvimento da sociedade, pois possibilitou a acumulação de riqueza e melhorou a qualidade de vida das pessoas. Todavia, é a causa de nossa alienação e da deterioração ambiental, sendo assim, para Elizabeth (2003),

O principal problema que a humanidade enfrenta hoje é algo assim O que uma “subdesenvolvimento” moral , pois alcançamos um impressionante desenvolvimento científico e tecnológico que nos dá a posse a partir de Modificar e até a partir de destruir natureza e nós mesmos. No entanto, na frente para leste enorme posse não temos moveu-se para uma moral de acordo com ela, de modo que somos como crianças ao comando de uma locomotiva (ELIZABETH, 2003, p. 100).

Agora, urge a necessidade de identificar e de diferenciar aqueles que “satisfazem as necessidades básicas, as carências e os desejos das necessidades transformadas em expectativas, que a eles eram impostos com a ideia a partir de desenvolvimento” (PAYAN, 2000, p. 49). A ideia de sustentabilidade exige mudanças não só no aspecto tecnológico, político e econômico, mas

também, em nossas crenças. Pois são elas que determinam o mundo que habitamos enquanto permanecermos ancorados à ideia de que o mundo nos é estranho. Isto é, que existe uma realidade objetiva, que tudo se resolve com dinheiro, ou que qualquer coisa que façamos não comprometa nosso futuro e a Terra. Se continuarmos com esse pensamento, dificilmente conseguiremos caminhar para modelos de desenvolvimento sustentável.

Por isso, acreditamos que o caminho para modelos de desenvolvimento mais amigáveis e solidários ao planeta e aos demais seres humanos começa em cada um de nós, desde o dia a dia, nas relações familiares e com a comunidade. Nossas ações dirão se encontramos significado em nosso caminhar, ou se continuamos inseridos na alienação. Exatamente assim se cumpre o compromisso planetário da ecopedagogia, pois trata-se de formar cidadãos com consciência planetária, integrantes da Terra e do Cosmos, portanto,

A cidadania planetária responde a uma condição espiritual. Decorre [...] de um sentimento de profunda pertença ao planeta Terra e a tudo o que nele existe. Graças a Com esse sentimento nos vemos conectados com tudo o que nos cerca, fazendo parte de um sistema único, sólido, comum (LANZI, 2005, p. 67).

Acreditamos que a educação desempenha um papel importante nesse processo, no sentido de libertar, emocionar, reconectar, promover a solidariedade, a cooperação, o afeto e o amor. “Uma educação que busque promover o aprendizado como instrumento de mudança de comportamento que ocorre em uma pessoa então a partir de processar dados e informações ativamente” (AGUDELO; MARTÍNEZ; ORTIZ, 2013, p. 111).

Tal educação contraria as necessidades do sistema, mas é urgente se quisermos curar as feridas da Terra, da sociedade e, de cada um de nós. Como as culturas ancestrais nos ensinaram, almejamos o “bem viver”. Isso implica em uma ruptura com o eurocentrismo, com sua história, ciência, formas de produção e sua cultura. Contudo, também nos proporciona um reencontro com a nossa própria história, com nossas raízes, com nós mesmos.

Sustentabilidade e bem viver

Entendemos o “bem viver” como o reencontro entre a sociedade e a natureza. Este é o reconhecimento do valor intrínseco de todos os seres vivos, que tudo o que existe faz parte do mesmo tecido e que o fundamento das relações sociais é a complementariedade, não a acumulação. Assim, o bem viver possibilita o crescimento a partir de relações saudáveis, prazerosas e solidárias consigo mesmo, com a comunidade e com o ambiente natural. Ainda, o bem viver se constitui de uma nova maneira de conceber o tempo de vida, o respeito pela natureza e sua desmercantilização. Isso ocorre a partir do estabelecimento de relações interpessoais mais solidárias que favoreçam a construção social de uma racionalidade do meio ambiente.

Tendo em vista que o bem viver se aplica às coisas mais cotidianas da vida, na sequência, apresentaremos nossa proposta de bem viver. Ela decorre em parte, do resultado de nosso encontro com culturas ancestrais, horas de leitura, trocas de conhecimentos com outras pessoas e com nossas próprias experiências.

- Recuperar o amor

A Terra está pedindo ajuda e nós com ela devido à falta a partir de amor. O amor está ausente de nossos relacionamentos; em seu lugar estava a ambição, à competência, o egoísmo.

Sobre isso, Maturana (1995, p. 16) diz que o amor “é a abertura de um espaço de existência para o outro como ser humano ao lado de um. Se não há amor, não há socialização genuína e os seres humanos se separam”. Portanto, o amor é a base da sociedade, é o que nos une e nos determina como seres humanos. Isso implica no reconhecimento e na aceitação de si mesmo e da alteridade com todos, bem como em sua diferença e diversidade. Nessa direção, vivemos o amor

quando nós descobrimos “que em este mundo não há nada que esteja separado de qualquer coisa e que tempo de vida equilibrado é prazeroso e essencial para a saúde e para a cura” (PAYÁN, 2000, p. 71). Experimentamos o amor quando agimos em relação à alteridade e à Terra.

Agora, para restaurar os relacionamentos amorosos, devemos começar por nós mesmos. Isto posto, Payán (2000, p. 89) diz que “alegria e auto-estima são as primeiras coisas que se precisa para curar ou viver com saúde”. Isso quer dizer que amar a si mesmo implica estar disposto a viver feliz, aproveitando todas as nossas possibilidades, sem reduzir as chances de outras pessoas viverem uma vida prazerosa.

- Conecte-se com a Terra

Somos filhos e filhas da Terra e, nossa história é vinculada à história do planeta. Nós somos feitos da mesma energia, dos mesmos elementos químicos dentro do mesmo universo. Este é um processo silencioso, que acontece sem percebermos. É como uma cumbia rítmica e organizada que toda a Terra participa. Os seres vivos não conseguem se desenvolver de modo isolado, pois é a cooperação que favorece a vida. Para isso, nós queremos – e precisamos – estar saudáveis e, devemos encontrar uma maneira de nos relacionarmos amorosamente com a comunidade que nos cerca. Precisamos estar em contato com a vida, com os pés no chão, reconhecê-la, vivê-la, amá-la e, respeitá-la. Pois estamos nela, somos ela, porque ela nos dá o suporte, as boas-vindas, nos trata com amor e, porque nos permitiu nossa existência.

Portanto, reconectar-nos com a Terra implica em reconhecer a comunidade da vida, entender que ela não apenas nos acolhe, mas abriga milhões de espécies com as quais compartilhamos todos os recursos. Isso significa respeitar os ciclos, acolher com gratidão os dias ensolarados e quentes, bem como os frios e chuvosos. Além disso, agir com responsabilidade diante de furacões ou avalanches e maravilhar-se com a imensidão do mar. Dito isso, taeconectar-nos com a Terra é reconhecermos que nós somos parte dela, porque como a física quântica conclui “todas as nossas partículas são fundamentalmente conectadas a todas as outras partículas do universo” (Bohm in Dossey, 1999, p.133).

- Viva o presente

De modo geral, experimentamos o clima em três dimensões: presente, passado e futuro. Sobre isso, acreditamos que o tempo é um recurso que não pode ser desperdiçado e, a partir dessa ideia, ajustamos nosso tempo de vida, .

Nossa vida é tão dominada pelo sentido cronométrico que não apenas nos tornamos inconscientes dos ciclos da natureza, mas também nos tornamos insensíveis aos ciclos que ocorrem em nossa própria vida . lado de dentro. Nós temos Deixado a partir de comer quando estamos com fome, ou para dormir quando estamos com sono. Em tudo isso e em outras coisas , passamos a obedecer aos ditames do relógio (DOSSEY, 1999, p. 52).

“Fracassados porque não estamos sendo tudo o que podemos ser, acabamos nos tornando hostis conosco e com aqueles que nos parecem estar atrapalhando nosso progresso” (LANZI, 2005, p. 158).

A pressão proveniente da tentativa de controlar o tempo é a causa de muitas doenças. No entanto, torna-se imprescindível desistir da corrida louca contra o relógio e começar a viver o presente. Nesse sentido, devemos aproveitar o que fazemos em cada momento e, deste modo, centrar nossa atenção ao que estamos desenvolvendo. É necessário parar de pensar no futuro, que ainda não chegou, e viver plenamente o agora. O importante é cultivar a paciência, pois esta é a chave para eliminar a pressão de tentar controlar o tempo.

- Praticar a reciprocidade

Polanyi define a “reciprocidade” como “uma forma de reconhecimento do outro e de pertencimento a uma comunidade humana” (MARAÑÓN, 2014, p.110).

Para ser socialmente é preciso dar; para dar, é preciso produzir, de tal forma que dar, receber e devolva não Isso significa só a reprodução do presente, Isso significa produzir para dar, receber e produzir para reproduzir o presente, para dar novamente (MARAÑÓN, 2014, p.113).

Portanto, a reciprocidade está na origem dos valores humanos, na preocupação e no cuidado com os outros. Embora Newbold (2001, p. 128) afirme que “a troca dentro de uma comunidade pequena e íntima é vantajosa para todos os membros porque fortalece o grupo”, a reciprocidade não se limita à simples troca.

Nós devemos respeitar a Terra e seus ciclos, cuidá-la e, retirar dela somente o necessário. O ambiente certamente continuará sendo generoso conosco, oferecendo-nos o que for necessário para o sustento. Contudo, o que oferecemos a ela?

- Ser grato(a)

Na vertiginosa estrada do progresso, esquecemos de praticar a gratidão. Nesse sentido, temos muito a aprender com as comunidades indígenas. A comunidade de Arhuaca, por exemplo, nos ensina por meio de seus rituais, a forma de pagamento para praticar a gratidão à Pachamama e ao cosmos por tudo que nos oferece. Diante disso, ser grato(a) implica respeitar a Terra e tirar dela o que é necessário, mas também, retribuir. A retribuição parte da atenção, do respeito aos ciclos, da não contaminação e da desmercantilização. Portanto, tratá-la pelo que é, um organismo vivo.

- Pratique a atenção

Boff (2012, p. 22) diz que o cuidado “é uma atitude de relação amorosa, suave, amiga, harmoniosa e protetora da realidade, pessoal, social e ambiental”. Sendo assim, cuidar é uma relação com nós mesmos, com a alteridade e com a Terra. Esta relação, no que lhe concerne, baseia-se no amor, no afeto, e na preocupação para acontecer uma conscientização pois o pensamento de um mundo melhor é fundamental.

Cultivamos o cuidado com a Terra quando a tratamos pelo que ela é: um superorganismo vivo que se auto-regula e se auto-organiza. Portanto, devemos respeitar seus ciclos e desenvolver hábitos para preservar a sua integridade e vitalidade. Precisamos ainda, desenvolver práticas agrícolas que permitam recuperar os nutrientes perdidos, respeitar os seus limites e propor modelos de crescimento sustentáveis. A atenção às demandas em sentido profundo de uma conexão com a terra e com a totalidade dos seres, implica o reconhecimento como outro fio na teia da vida, de o mesmo promove o trânsito em direção a uma sociedade menos consumista e mais atenta às mensagens do planeta.

Referências

AGUDELO, Cris; MARTINEZ, Lais; ORTIZ, Ian. **Gestão a conhecimento: Ecopedagogia e o mundo Práxis**, v. 9, p. 108-113, 2013.

AMAYA, Carmem. **Sustentabilidade na américa**. Bolívia: Universidad UniVer, 2000.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. Madri: Trota, 2011.

- BOFF, L. **Os cuidados necessários**. Madri: Trota, 2012.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto Crucial**. Buenos Aires: Morra, 1992.
- CARVAJAL, José. **Uma arte de curar, uma aventura pelos caminhos da bioenergética**. Bogotá: Norma, 1995.
- DOSSEY, Luiz. **Tempo, espaço**. Barcelona: Kairós, 1999.
- ELIZABETH, Arian. **Desenvolvimento humano e ética para a sustentabilidade**. México: UNEP – Escritório Regional para América Latina e Caribe, 2003.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. Cidade do México: Século XXI, 2002.
- GUTIERREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. Cidade do México: De LaSalle Editores, 2015.
- HINKELAMMERT, Franz.; MORA, Henry. **Para uma economia para a vida**. Bogotá: Projeto Justiça e Tempo de vida, 2009.
- LANZI, Shirlei. Ecopedagogia e cultura predatória. **Revista Cubana de Educação Superior**, v. 25, p. 60-170, 2005.
- MATURANA, Humberto. **Realidade: fundamentos biológicos**. Barcelona: Anthropos, 1995.
- NEWBOLD, Richard. **O oitavo dia: a evolução social do planeta terra**. México: Universidade Autônoma, 2001.
- OSÓRIO, Salete. **Bioética e pensamento complexo: estratégias para enfrentar o desafio sustentável da terra**. Bogotá: Universidade Militar Novo Grenade, 2015.
- PAYAN, Jhuan. **Olhar social a Terra**. Bogotá: McGraw Colina, 2000.

Recebido em 01 de abril de 2022.
Aceito em 16 de agosto de 2022.